

fim de que estes recebessem algum conforto da parte de quem lhes deve dar, mas especialmente do Pai, o único que pode consolar qualquer coração aflito e atribulado. Supliquei-lhe ainda que, em virtude de minha compaixão, se dignasse perdoar aqueles que se mostram duros e cruéis, sem se compadecerem do próximo, quando o vêem angustiado. Contra eles, o Pai estava muito irado e disposto a usar para com eles de idêntica dureza, não querendo mostrar-se compassivo para com os que não querem ter piedade do próximo. Revelou-se o Pai aplacado pelas oferendas feitas por mim com tanta insistência e prometeu-me infundir, em todos, parte da piedade e da compaixão que eu experimentava para com meus irmãos. Fez-me saber que existem muitos corações duros, obstinados e perversos, que não se deteriam diante das inspirações e da graça que Ele lhes concedia, para os quais havia um decreto terrível, isto é, que não encontrariam em sua presença a benignidade e a compaixão que haviam negado ao próximo. Senti por isso grande pesar. Mas, porque a justiça divina reclamava satisfação, entregava-me ao divino beneplácito. Tanto mais que sabia claramente que este castigo era merecido por meus irmãos, pois de fato o queriam; conheciam eles muito bem a ordem do Pai de que *"com aquela medida com que se mede, haver-se-á de ser medido"* (Mt. 7:2). E como o Pai lhes dá tanta graça que poderiam se violentar e usar de misericórdia, embora por natureza sejam cruéis, eles, uma vez que não querem se servir dela, tornam-se dignos do castigo merecido. Pedia ao Pai diferísse-lhes o castigo e não os castigasse com o devido rigor, o que obtive benignamente do Pai, como também a graça de dar força e virtude a todos aqueles aos quais convinha sujeitar-se à crueldade e dureza do próximo, seu superior. O Pai não deixava de dar-lhes virtude e graça necessárias para sofrerem a dureza e crueldade daqueles. Pedi ainda ao Pai que, como se dignara avisar a José que pusesse a salvo minha pessoa e a libertasse da crueldade de Herodes, assim se dignasse avisar a todos os meus irmãos, ou por inspiração, ou por meio de seus servos fiéis, a fim de que, ao se encontrarem em qualquer perigo de perderem pelo pecado a vida espiritual, que consiste em sua graça, subtraíam-se ao perigo e fujam da ocasião; não considerem os sofrimentos do corpo e, se preciso for, até se submetam à morte para salvarem a alma. Fiz tal pedido com grande instância ao Pai, porque, na verdade, muito me oprimia ver a maioria dos meus irmãos dar maior importância à vida temporal do que à eterna e estimarem mais o corpo do que a alma. Realmente vós vedes que todos os dias alguns fazem tanto pela saúde corporal, mas para a salvação espiritual mal dedicam um pensamento, enquanto a sua ocupação devia ser toda esta; pois, se perdem o corpo, nada perdem; mas se perdem a alma, perdem tudo, e para sempre. Quanta aflição sentia por tal loucura de meus irmãos! Não é possível chegardes a compreender quanto me afadigava a orar ao Pai inserisse em seus corações tal verdade e estima devidas à alma e à graça divina, com a fuga do pecado, como não sois capaz de chegar a conhecer o valor de uma alma e o valor da graça divina. Mas eu, que exatamente os conheço, ocupava-me totalmente em suplicar ao Pai pela salvação das almas e sua libertação de qualquer culpa, sendo esta a fera cruel que devasta tantas e tantas, conduzindo-as ao abismo de toda miséria, a saber, à morte eterna. Por causa disto, quanto vivia aflito e emocionado! De fato, meus irmãos dão-lhe tão pouca importância! O Pai, para consolar-me,